

Sucesso. Quatro manifestantes de um grupo ligado ao sindicato dos professores foram presos pela Polícia Militar durante evento do qual participava o governador e pré-candidato do PSDB à Presidência, sob a acusação de desacato e perturbação à ordem

Sindicatos fazem cerco para desgastar Serra e arrancar reajuste salarial

O Estado de S.Paulo, 25/03/2010

DIA DE PROTESTO

FOTOS: MICHEL FILHO/AGÊNCIA O GLOBO



1 ● Polícia Militar reprimiu, ontem à tarde, um grupo de professores em greve que protestava do lado de fora do Hospital das Clínicas de Franco da Rocha, onde estava o governador de São Paulo, José Serra



2 ● Uma das reivindicações dos professores é o reajuste salarial de 34,3%



3 ● No confronto, a polícia chegou a usar gás de pimenta para conter grevistas



4 ● Quatro manifestantes foram detidos e prestaram depoimento na delegacia

5 ● Longe do tumulto, Serra discursou para cerca de 200 pessoas

Julia Dualilbi

A Polícia Militar prendeu ontem quatro manifestantes durante um protesto na área da saúde do qual participava o governador José Serra, pré-candidato do PSDB à Presidência. Os detidos - soltos após prestar depoimento na delegacia de Franco da Rocha, na Grande São Paulo - integravam grupo de cerca de 30 pessoas ligadas à Apeesp (o sindicato dos professores de São Paulo), que gritavam palavras de ordem contra a administração Serra.

Na tarde final de seu governo - ele deixa o cargo no dia 31 para disputar o Palácio do Planalto -, o governador enfrenta protestos de servidores. Além de parte dos professores, que entraram em greve no começo de março, delegados da Polícia Civil iniciaram operação padrão anteontem e os servidores da saúde também anunciaram ato no fim do mês contra o governo estadual. Para o Palácio dos Bandeirantes, as iniciativas têm caráter eleitoral.

A Força Tática da Polícia Militar foi acionada para impedir que os manifestantes se aproximassem de Serra. Separados do governador por uma rua e uma plateia de mais de 200 pessoas, eles gritavam: "Abaixo a repressão, professor não é ladrão." O governador fora ao local entregar o Centro de Atenção Integra-

* **Análise: Roldão Arruda**

Interesses partidários embaralham a cena trabalhista

Março é o mês em que, de acordo com o ritual legal, os funcionários públicos do Estado negociam com o governo suas reivindicações de melhorias nos salários e nas condições de trabalho. Em anos eleitorais esse processo tende a se tornar mais tenso, devido às implicações políticas que envolve. Sabendo que se trata de um período delicado para os detentores de cargos executivos, mais interessados em expor publicamente as conquistas de seus governos do que as mazelas, os funcionários tendem a radicalizar suas ações. Faz parte do jogo e todo governante enfrenta esse impasse em algum momento.

O quadro se complica mais ainda quando interesses partidários também entram em cena.

Atualmente, em São Paulo, os dois sindicatos que promovem as ações mais radicais nas negociações com o governo estadual, nas áreas de educação e saúde, são filiados à Central Única dos Trabalhadores (CUT) - a maior central sindical do País, historicamente ligada ao PT. Por mais justas que sejam as reivindicações, é difícil não associar a ofensiva sindical ao fato de que ela mira José Serra, que, além de governador, é pré-candidato a presidente da República pelo PSDB e, segundo as pesquisas, principal concorrente da pré-candidata petista, Dilma Rousseff.

No caso dos professores, há que se considerar também as disputas internas da Apeesp - a entidade que os representa. Sindicalistas e militantes ligados ao PSOL e ao PSTU disputam o poder com o PT e contribuem para a tomada de posições mais radicais.

Em relação aos delegados da Polícia Civil, que iniciaram ontem uma operação padrão e ameaçam o governo com uma greve, o quadro é mais complicado. A associação que os representa não tem vínculo com qualquer central sindical. Pode-se argumentar que seu vice-presidente, Sérgio Roque, é filiado ao PC do B (partido da base do governo Lula). Mas também vale lembrar que ele

tem pouco poder interno e é muito mais moderado que a presidente, Marilda Pinheiro.

Em conversa com o Estado, Marilda, que se declara apertadária, deixou claro ontem que os delegados pretendem jogar pesado com o governador, para que ele cumpra os acordos feitos na greve de 2008, antes que deixe o governo. Seria mera coincidência, segundo a delegada, o fato dele ser pré-candidato à cadeira de Lula.

O cenário não é novo. Historicamente sindicatos e centrais sempre estiveram atrelados a partidos. Na opinião de um estudioso dessas questões, o cientista político e professor Ricardo Antunes, da Unicamp, deve-se tomar cuidado, na análise dos fatos, para não superestimar o papel partidário e deixar no escuro os motivos básicos, as reivindicações que mobilizam as categorias.

Segundo o professor, se a CUT decidir promover greves exclusivamente a favor da candidatura Rousseff contra Serra não vai ter sucesso. Em outras palavras, não se pode deixar de avaliar também qual é o nível real de descontentamento entre os funcionários públicos do Estado. Lula enfrentou greves de professores universitários durante quase todo o seu primeiro mandato - até promover aumentos reais nos salários.

psa à Saúde Mental, no Complexo Psiquiátrico do Juqueery.

A confusão começou quando 40 PMs tentaram afastar os manifestantes do local onde Serra discursava. Com escudos e cassetetes, encerraram os mais exaltados. O grupo reagiu com empurrões e a PM respondeu com gás pimenta, cacetadas e gravatas, inclusive contra mulheres que participavam do protesto. Quatro

manifestantes, acusados de desacato e perturbação à ordem, foram algemados e postos no camburão para depor na delegacia.

Preparo. "Vieros preparados. Na semana passada, tentaram jogar uma pedra no governador", disse o comandante do 23.º Batalhão da PM, Jos Carlos de Campos Júnior, em referência à visita de Serra a Francisco Morato, on-

de o carro do governador foi alvejado por um ovo, que também partiu de manifestantes ligados ao sindicato dos professores.

"Chegamos para uma movimentação pacífica. Em nenhum momento tentamos passar o cordão de isolamento", afirmou Omar Pereira, um dos detidos, que disse ser professor de história. Questionado se era filiado a partido, respondeu: "Não somos

de partido. Não voto nem em Dilma nem em Serra." A Apeesp afirmou que os manifestantes presos são ligados à entidade, que reivindica, entre outros pontos, reajuste salarial de 34,3%.

Ao deixar o local, Serra não quis comentar a manifestação. Indagado anteontem sobre a ação dos servidores no fim do seu governo, disse: "Vocês que são analistas, fazem tanto juízo,

façam também a esse respeito."

A Secretária da Educação disse que menos de 1% das escolas está em greve - a entidade fala em 60% dos professores. A maior parte das escolas visitadas pela reportagem do Estado nos últimos dias funcionava normalmente. Em nota, a secretária disse que "ativistas políticos da Apeesp fazem campanha eleitoral antecipada".

● **Online**
Pré-candidato ao governo paulista, o senador Aloizio Mercadante (PT-SP) defendeu os professores no Twitter. "Insatisfação do funcionalismo em SP. Professores em greve, sem diálogo."